

Vozes de Brumadinho: o lugar do depoimento na narrativa audiovisual da grande reportagem multimídia do Estado de Minas ¹

Luísa Campos Batista²
Christina Ferraz Musse³

Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG

Resumo

O artigo analisa os depoimentos, que compõem a narrativa audiovisual do especial multimídia *Vozes de Brumadinho*, produzido pelo jornal *Estado de Minas*, sobre as memórias dos sujeitos atravessados pelas incontáveis consequências do rompimento da barragem da Mina Córrego do Feijão, pertencente à mineradora Vale, em janeiro de 2019. Entendendo catástrofe como acontecimento desorganizador (AMARAL, 2013), o trauma como a memória de um passado que teima em ser latente no presente (BARBOSA; CARVALHO, 2016), e o jornalismo como construtor de significados (MEDINA, 2003), analisamos a narrativa audiovisual, veiculada em plataforma on-line e disponível em canal no YouTube, para responder: quem são os sujeitos procurados para a coleta dos testemunhos, as abordagens escolhidas pelo veículo e, por fim, quais as memórias evidenciadas a partir dos testemunhos.

Palavras-chave

Brumadinho; jornalismo multimídia; audiovisual; depoimento; trauma

1. O acontecimento traumático: 25 de janeiro de 2019

O calendário marcava o dia 25 de janeiro de 2019. Por volta de 12h30, um estrondo foi ouvido por moradores da comunidade Vila Ferteco, em Brumadinho (MG), que tiveram poucos minutos para fugir das casas, quintais, plantações. Naquela tarde, a barragem B1 da Mina Córrego do Feijão, pertencente à mineradora Vale, havia rompido. O refeitório da empresa, localizado a pouco mais de um quilômetro da barragem, foi o primeiro a ser atingido pela lama de rejeitos, junto aos prédios administrativos; em seguida, a pousada Nova Estância. Assim como em Bento Rodrigues, subdistrito de

¹ Artigo apresentado ao GP Telejornalismo, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda em Comunicação no Programa de Pós-Graduação em Comunicação na Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). E-mail para contato: luisacamposbatista@gmail.com

³ Doutora em Comunicação e Cultura pela UFRJ, professora do PPGCOM da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) e líder do Grupo de Pesquisa Comunicação, Cidade e Memória. E-mail para contato: cferrazmusse@gmail.com.

Mariana (MG) arruinado pela lama da barragem de Fundão, em 2015, pertencente à mineradora Samarco⁴, a sirene não tocou.

A destruição foi rápida e, devido à proximidade dos prédios pertencentes à Vale, a maior parte das vítimas fatais foram os próprios trabalhadores da mineradora. Os rejeitos também atingiram casas da Vila Ferteco, lavouras, hortas e criações rurais, e o rio Paraopeba, um dos afluentes do São Francisco.

Em coletiva⁵ de imprensa, o diretor-presidente da mineradora, à época⁶, Fábio Schvartsman, afirmou que 12 milhões de metros cúbicos de rejeitos escorreram pela comunidade. Ao tomar posse, em maio de 2017, Schvartsman havia comentado que o lema da sua gestão seria "Mariana nunca mais". Menos de dois anos após a declaração, o rompimento em Brumadinho superou o número de perdas humanas ocorridas em Bento Rodrigues. Com os impactos do rompimento, em Brumadinho, o que resta é a perda: 246 vítimas fatais e outras 24 aguardam identificação ou ainda não foram localizadas em meio aos rejeitos⁷. Para os sobreviventes e familiares de vítimas fatais, a perda é irremediável, em nível de elementos simbólicos locais e individuais: está no arrancar do espaço-tempo que os moradores da comunidade habitavam, nas bruscas mudanças do cotidiano, na morte de um familiar, no trauma causado pelo rompimento e pelas incontáveis consequências nos dias que se seguiram.

2.O especial multimídia

Dentre as narrativas produzidas pela mídia brasileira a respeito do rompimento da barragem em Brumadinho, este artigo se debruça sobre o especial multimídia produzido

⁴ A Samarco é uma mineradora brasileira controlada pela Vale S.A. e pela anglo-australiana BHP Billiton, cada uma com 50% das ações da empresa.

⁵ A coletiva de imprensa foi realizada no mesmo dia do rompimento da barragem, em Brumadinho, para esclarecimento de dúvidas e para maiores informações a respeito de vítimas, medidas de acolhimento aos sobreviventes e ações futuras para que novos rompimentos não aconteçam. É possível acessar o conteúdo em alguns canais do YouTube e no próprio site da mineradora Vale, pelo link: <http://www.vale.com/brasil/PT/aboutvale/news/Paginas/Assista-a-coletiva-de-imprensa-sobre-a-Barragem-de-Brumadinho.aspx>

⁶ Schvartsman foi voluntariamente afastado da presidência da Vale, após a empresa ser notificada pela Polícia Federal e pela Força Tarefa do Ministério Público acerca das investigações sobre o rompimento da barragem, em Brumadinho. Além do presidente, três diretores também foram temporariamente afastados dos cargos.

⁷ Até o momento de finalização deste artigo, este era o número de pessoas desaparecidas. Os que ainda estão listados como não encontrados, provavelmente, estão mortos, entretanto, não foram localizados em meio aos resíduos de mineração, resultado do rompimento da barragem, em janeiro de 2019.

pelo jornal *Estado de Minas*⁸, intitulado *Vozes de Brumadinho*⁹. Durante duas semanas, a equipe de reportagem esteve imersa na rotina do município, transformada com o evento catastrófico. A busca dos jornalistas teve como foco as vozes anônimas que denunciam a gravidade do acontecimento, principalmente à nível subjetivo. Por meio da análise das escolhas metodológicas do jornal, ancoradas nas características de produção de reportagem multimídia, busca-se entender as construções de sentidos acionadas pelas memórias de quem foi atravessado pelo rompimento, através da análise dos testemunhos.

O especial multimídia foi lançado no dia 24 de fevereiro de 2019, um dia antes do rompimento da barragem da Mina Córrego do Feijão completar um mês. Em 2015, o jornal publicou o *Vozes de Mariana*¹⁰, também multimídia, que retrata as vozes de sobreviventes do rompimento da Barragem de Fundão, em novembro do mesmo ano, ocorrido no subdistrito de Bento Rodrigues, pertencente à cidade de Mariana (MG). Por se tratar de um segundo rompimento de barragem relacionado à mesma mineradora, com menos de três anos de separação entre os acontecimentos, o veículo de comunicação adotou enquadramentos semelhantes na produção do especial para Brumadinho. É importante salientar que ambos especiais destacam o testemunho dos sobreviventes, baseados na proposta narrativa do best-seller *Vozes de Tchernóbil*. Escrito pela jornalista bielorrussa Svetlana Alexiévitch, a obra foi vencedora do Prêmio Nobel de Literatura, em 2015. Para a redação de *Vozes de Tchernóbil*, a autora recorreu à História Oral, recurso metodológico, que ganha destaque a partir de meados do século passado, para potencializar as vozes de pessoas comuns. A História Oral se tornou conhecida por sua utilização em filmes como *Shoah*, de Claude Lanzmann (1925-2018), cuja narrativa é centrada nos depoimentos de sobreviventes do Holocausto. No Brasil, o trabalho do cineasta Eduardo Coutinho (1933-2014) é possivelmente o melhor exemplo do uso desta metodologia no audiovisual, que constroi a ordem narrativa com base nos depoimentos dos sujeitos entrevistados.

⁸ O jornal *Estado de Minas* é um dos impressos mais antigos em circulação no estado, foi fundado em 7 de março de 1928, e pertence ao grupo dos Diários Associados.

⁹ A reportagem especial pode ser acessada no link: <https://www.em.com.br/vozes-de-brumadinho/>. O conteúdo foi lançado em versão impressa e em plataforma digital, mesmos recursos utilizados no primeiro especial multimídia, a respeito da comunidade de Bento Rodrigues, após o rompimento da barragem de Fundão, em 5 de novembro de 2015.

¹⁰ Publicado na versão impressa e em plataforma digital, em dezembro de 2015, o *Vozes de Mariana* é o primeiro especial produzido pelo *Estado de Minas*, com destaque para os testemunhos. A reportagem multimídia, assim como repetido em *Vozes de Brumadinho*, se apropria da metodologia da História Oral, sendo um produto multiplataforma, com recursos textuais e audiovisuais.

Marta Maia (2006) defende que o uso desta metodologia, no jornalismo contemporâneo, auxilia no processo de descortinamento de campos de investigação não antes abordados “Isto, em um país que não tem uma política pública eficaz de acervo como o Brasil, pode representar um importante aspecto na diversidade das informações” (MAIA, 2006, p.142). As vozes ouvidas pela reportagem em Brumadinho indicam três diferentes perfis de sobreviventes: parentes de vítimas fatais, sobreviventes, que tiveram que fugir da lama de rejeitos, e profissionais que trabalharam no resgate e enterro de vítimas. Propomos um mergulho mais fundo nas vozes de Brumadinho, a fim de entender as marcas memoriais evidenciadas pelos testemunhos: O que é dito pelos sujeitos atravessados pelo trauma do rompimento? É uma das perguntas que buscamos responder.

Entendemos que produtos fruto da convergência jornalística, como a reportagem multimídia em questão, estão repletos de potencialidades nas formas de narrar. No Vozes de Brumadinho, o Estado de Minas optou por apresentar, em uma plataforma on-line, com apoio do canal de YouTube do Portal Uai, a reportagem multimídia dividida em seções, uma para cada entrevistado, com destaque ao depoimento individual, gravado em áudio e vídeo. O jornal também usa a narrativa textual, inserida abaixo do recurso multimídia, como uma transcrição do depoimento, inspirado no livro *Vozes de Tchernóbil*. Lead e outras técnicas do texto jornalístico tradicional, objetivo, não estão presentes na parte textual que compõe a reportagem. Assim como na obra de Alexiévitch, os testemunhos ganham espaço para ecoar: o textual está em primeira pessoa, e traz informações complementares ao que foi dito pelo mesmo entrevistado, no depoimento audiovisual. É possível perceber, como uma característica das entrevistas em profundidade, que os testemunhos seguem um padrão, ditado pelo roteiro da produção, mas, como é evidente no gênero documental, o roteiro é flexível. O padrão narrativo, cada um com ação das vivências de cada entrevistado, mescla narração sobre o momento do rompimento da barragem no município, detalhes do cotidiano, informações sobre profissão, memórias de um tempo passado na localidade, e histórias do familiar vitimado no acontecimento - quando o entrevistado é um parente de vítima fatal -, entre outras inferências e rastros memoriais, como refletiremos mais a frente.

3. Para pensar o trauma

Capaz de desequilibrar a vida e as estruturas que caracterizam os sujeitos, a comunidade, as expressões sociais, um evento traumático força os indivíduos a repensarem o cotidiano. Amaral (2013) define o efeito devastador do trauma sobre as

identidades, memórias e afetividades de quem sobreviveu a um evento catastrófico: desestabilizador e repleto de singularidades. Consequência de tragédias, o trauma tem potência suficiente para desorganizar e afastar um indivíduo de si mesmo.

Para Barbosa e Carvalho (2016, p.21), o trauma pode ser entendido como a memória de um passado que insiste em ser latente no presente, traçando caminhos demarcados pelo trauma no futuro e que, “portanto, desordena a estrutura temporal do sujeito afetado por ele”. Ao pensar no fazer jornalístico que aborda o trauma em diferentes níveis, Amaral (2013) reflete que este tipo de produção também se posiciona no universo narrativo como um testemunho específico, que não é exatamente de quem sobreviveu ao acontecimento, mas um narrar com necessidade de organização dos fatos:

“Evidentemente, quanto maior a tragédia, mais marcas de testemunho similares às das vítimas estarão presentes no discurso do jornalista. Assim, o teor testemunhal pode estar presente também em declarações de outros tipos de fontes. Também é possível notar que, na cobertura de catástrofe, muitas vezes, o teor testemunhal está diluído em toda a matéria”. (AMARAL, 2013, p. 186).

É este teor testemunhal que se dilui pela narrativa jornalística que buscamos analisar no especial multimídia do *Estado de Minas*. A partir do entendimento das Vozes ouvidas, refletiremos sobre os rastros memoriais elencados pelos entrevistados, trauma e produções de sentido por meio dos testemunhos. Barbosa e Carvalho (2016) analisaram reportagens produzidas pelo jornal laboratório do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto (Ufop), na cobertura do rompimento da barragem de Fundão, em Bento Rodrigues. Para os autores, reportagens fruto do jornalismo humanizado, como as trabalhadas pelo *Lampião*¹¹, evidenciam variáveis de inferência aplicadas às narrativas abordadas pelos sobreviventes: “estilhaçamento temporal; atravessamento simbólico; experiência de quase morte; as narrações do evento traumático; teor de irrealidade; singularidade; repetições; estado afetivo; nostalgia” (p.21). A partir do levantamento de variáveis comuns em narrativas de sobreviventes ao rompimento da Barragem de Fundão, em Bento Rodrigues, este artigo também se propõe a analisar se tais inferências estão presentes nas vozes ouvidas em Brumadinho, pelos jornalistas do *Estado de Minas*.

¹¹ Jornal laboratório do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto (Ufop), o *Lampião* é publicado semestralmente, em duas edições. No caso da cobertura do rompimento da Barragem de Fundão, o jornal dedicou-se a contar as histórias dos sobreviventes, no segundo semestre de 2015. A 21ª edição da publicação fez uma ampla cobertura sobre o acontecimento e os sujeitos sobreviventes, e pode ser acessada no endereço on-line: https://issuu.com/jornallampiao/docs/lampiao_ed21_web

4.O testemunho na reportagem multimídia: a força do audiovisual

O registro do testemunho é o principal recurso adotado como método para produção do especial. Por meio da funcionalidade multimídia, os testemunhos encontram outras possibilidades para que as vozes sejam ouvidas, uma vez que estão apoiados em estratégias de veiculação on-line. A potencialidade dos testemunhos pode ser identificada na junção das vozes, recursos imagéticos e narrativa textual, e encontra, no multimídia, facilidades de conexões e dispersões de conteúdo no universo on-line, traduzido na rotina de compartilhamento e acesso rápido ao arquivo das informações.

O que é produzido pelo jornalismo a respeito de acontecimentos como o de 25 de janeiro de 2019 permite a materialização da experiência e das memórias, por meio de elementos visuais, textuais, sonoros e, no caso da reportagem especial do Estado de Minas, elementos multimídia, que dão corpo à narrativa jornalística. Raquel Longhi (2010) entende que o estilo de reportagem especial multimídia é estruturado em um ambiente de convergência de linguagens: o conceito de multimídia por integração (SALAVERRÍA, 2005), e o conceito de intermídia (LONGHI, 2008). A multimídia por integração, proposta por Salaverría, se apresenta por meio de textos, imagens e sons que podem ser consumidos de forma conjunta ou separada, sem comprometer o entendimento da notícia. A intermídia, trabalhada por Longhi, é entendida a partir da combinação e integração de elementos multimídia. Para a autora, o formato apresenta dois aspectos principais: características da linguagem e gênero de formato informativo. Longhi entende o especial multimídia como herdeiro das grandes reportagens de jornal impresso e, por isso, este modo de fazer reportagem poderia ser enquadrado na categoria de gêneros interpretativos: “Dentro do que se entende por especial multimídia, aparecem formatos tão diversos como entrevistas, depoimentos, documentários, todos eles, classificáveis, segundo as teorias canônicas do jornalismo, como gêneros” (LONGHI, 2008, p.152).

Para encontrar a definição deste gênero de reportagem, a autora recorre à conceituação da linguagem, que é múltipla e enquadrada como convergente. Longhi apoia-se em Salaverría (2005) para afirmar que a convergência é composta pela junção de linguagem textual, sonora e visual. No on-line, os usuários exploram, por meio da convergência, vídeos, imagens em movimento ou estáticas, áudios, representações textuais, entre outros elementos capacitados pelas possibilidades da internet, sendo uma das definições possíveis para reportagem especial multimídia uma “grande reportagem

constituída por formatos de linguagem multimídia convergentes, integrando gêneros como a entrevista, o documentário, a infografia, a opinião, a crítica, a pesquisa, dentre outros, num único pacote de informação, interativo e multilinear” (2005, SALAVERRÍA *apud* LONGHI, 2010). No escopo deste artigo, interessa-nos em especial entender a narrativa audiovisual.

Baccin e Daniel (2014) baseiam-se em Salaverría (2005) para refletir sobre os conceitos de multimídia, que podem ser entendidos sob duas óticas de convergência distintas. A primeira é a multimídia por justaposição, definida por diferentes produtos fruto de uma mesma produção jornalística. Nesta modalidade, apesar de terem como base a mesma apuração e produção, o resultado final são produtos distintos, que não se repetem, nem se complementam. Já no formato multimídia por integração, modelo seguido pelo especial *Vozes de Brumadinho*, o produto é resultado da combinação de formatos midiáticos, que partiram de uma mesma narrativa. Os autores explicitam que, um produto multimídia, não é formado por informações dispostas de forma aleatória, sendo importante que haja construção de sentido entre os meios. Para isso, estruturados em um mesmo suporte, devem formar um discurso coerente, sem repetições, agregando informações ao internauta. (BACCIN; DANIEL *apud* SALAVERRÍA, 2014, p. 213).

Pensando na funcionalidade do recurso multimídia, principalmente no vídeo, adotado para reprodução das *Vozes de Brumadinho* em plataforma exclusiva e em canal de YouTube¹², entendemos o vídeo como ferramenta sob influência do cinema e das novas mídia, como reflete Costa (2012). Para a autora, o vídeo apresenta traços que demonstram uma continuidade do que é feito no cinema "ao mesmo tempo, a força do audiovisual que emerge a partir do vídeo ganha dimensões importantes de forma que o 'novo meio' faz-se capaz de realizar mudanças até mesmo no meio preexistente" (COSTA, 2012, p.313). O vídeo e as mensagens transmitidas pelo meio traçam uma interessante relação entre informação e tempo, de acordo com a ampla gama de motivadores para o registro audiovisual.

“A lógica do ao vivo, do acaso, do improvisado, do efêmero (proporcionada a partir da instantaneidade da emissão e recepção da mensagem audiovisual em tempo real) torna o vídeo a arte do tempo e do acontecimento. Ele permite a interação simultânea entre emissor e receptor, o compartilhamento, em tempo real, de informação audiovisual. Foi

¹² O Portal *Uai* faz parte do mesmo grupo do *Estado de Minas*. No YouTube, os vídeos resultantes da coleta de testemunhos foram organizados em uma *playlist*, *Vozes de Brumadinho*, que pode ser acessada através do link: <https://www.youtube.com/user/PortalUai/playlists>

o vídeo o responsável por abrir novas possibilidades de moldar e subverter o espaço e o tempo no campo da imagem e som nos meios eletrônicos.” (COSTA, 2012, p. 314).

Convivendo com a simultaneidade da transmissão ao vivo, da proximidade com o fato, temos a outra possibilidade, que é a da expressão da vítima a partir do maior distanciamento temporal, que provoca a contextualização e a reflexão. Os testemunhos encaixam-se como um discurso de quem vivenciou certa situação catastrófica e seus inúmeros desdobramentos e consequências, e necessita de escuta e espaço de expressão oral (AMARAL, 2013). A fala pode ser entendida como um recorte de um espaço-tempo, produzindo sentidos a respeito de uma certa configuração social. Um dos papéis do jornalismo contemporâneo é, portanto, insistir na construção de narrativas capazes de abordar um evento traumático, exacerbando a voz de quem testemunhou, elencando questões caras para quem sobreviveu ao acontecimento.

As narrativas jornalísticas constroem pontes entre sujeitos atravessados pelo acontecimento e o restante da sociedade, como reflete Seligmann-Silva (2008). Para o autor, falar sobre uma tragédia posiciona o indivíduo na condição de sobrevivente, estabelecendo pontes entre um mundo que agora está desestabilizado, com o mundo “dos outros”. O sobrevivente encontra-se inserido em uma realidade entendida como insuperável, portanto, o que torna a narrativa necessária é a capacidade de estabelecer conexões entre as realidades, “a narrativa seria a picareta que poderia ajudar a derrubar este muro.” (SELIGMANN-SILVA, 2008, p.66). Ou salvar da lama, as memórias, como uma espécie de cura, que possibilita a reconexão com o real.

5. As vozes ouvidas na reportagem especial: rastros memoriais

Durante as duas semanas em que a reportagem multimídia foi produzida, a equipe de jornalistas ouviu 12 depoimentos. Cada entrevista foi realizada separadamente com as fontes e, no produto multimídia editado, cada depoimento tem duração média de seis minutos. Os cenários escolhidos para gravação têm relação direta com as produções de sentido do que é relatado pelo personagem: em meio à destruição total da lama, no cemitério do município, em uma praça da cidade, na casa de uma entrevistada, que perdeu o filho em meio aos rejeitos, e que ainda tem esperanças de o ver entrar pela porta da sala. A partir dos testemunhos é possível perceber uma constância no roteiro das perguntas realizadas pelos repórteres, exprimindo uma estrutura narrativa similar em cada resposta: a origem do entrevistado ou da vítima fatal, sobre quem está sendo contada uma história; quais circunstâncias agiram para ele/ela morar em Brumadinho; formação/profissão; se

havia ligação profissional com a Vale. Quando o entrevistado rememorava uma vítima fatal, as perguntas se voltavam para características da pessoa: personalidade, se era casada ou tinha filhos, a rotina em casa e no trabalho. Por se tratar de um município do interior de Minas Gerais, é possível perceber uma relação direta dos sobreviventes com a vida no campo. Referências à rotina de cuidado com as plantações e com os animais, podem ser identificadas em quase todos os testemunhos de sobreviventes ou dos familiares de vítimas fatais.

Ao todo, foram selecionados para serem as Vozes de Brumadinho sujeitos de diferentes perfis e que estavam em distintas situações, no momento do rompimento. Os jornalistas entrevistaram dois bombeiros: Leonard Farah, capitão do Corpo de Bombeiros de Minas Gerais, atuou no resgate do rompimento em Bento Rodrigues e, em janeiro deste ano, foi escalado para os resgates em Brumadinho; e Karla Lessa, piloto do Corpo de Bombeiros de Minas Gerais, responsável pelo resgate aéreo que foi televisionado¹³ instantes após o rompimento, em Brumadinho; o pai de uma vítima fatal: Joel Almeida, que perdeu a filha grávida e o genro, que estava hospedada na pousada Nova Estância; duas mães: Malina Firmino, mãe de Peterson Firmino, terceirizado da Vale e morto no rompimento; e Helena Taliberti, que perdeu os dois filhos, que estavam na pousada Nova Estância, além da nora grávida; o irmão de uma vítima fatal: Jefferson Passos, perdeu a irmã, que trabalhava como camareira na pousada; um marido: Edson Albanez, perdeu a esposa, que estava na residência do casal; um funcionário da Vale, Elias Nunes, que sobreviveu fugindo da lama junto a outro funcionário da mineradora, dirigindo uma caminhonete; três moradores da comunidade Vila Ferteco: Dari Pereira, teve a casa destruída pela lama, Nely Pedrosa, senhora de 75 anos, que precisou abandonar a casa em que morava há 25 anos; e Adriana Leal, produtora rural que teve plantações e a casa invadidas pelos rejeitos; e um coveiro, Atenagos Jesus, que trabalha no cemitério municipal de Brumadinho, não perdeu parentes na tragédia, mas foi responsável pelo enterro de amigos e parentes, vítimas do rompimento: "Isso vai passar, mas a cicatriz da

¹³ Transmitido em telejornais e replicado em diferentes portais de notícias, canais no YouTube e, inclusive, nas redes sociais, o resgate dramático de uma mulher em meio à lama de rejeitos virou símbolo do descaso de empresas mineradoras com a vida humana de sujeitos que vivem próximos às barragens no país: <https://veja.abril.com.br/brasil/brumadinho-video-mostra-resgate-de-mulher-em-mar-de-lama/>. Acesso em 15 de jun. 2019.

família não vai acabar, porque esse tipo de acontecimento é a mesma coisa que cavar um buraco na vida das pessoas. Não há dinheiro nenhum que pague a vida¹⁴”.

Na produção audiovisual, a reportagem optou por não utilizar trilha ou efeitos sonoros, enquanto os testemunhos são ouvidos. O som ambiente às vezes se faz presente, como o canto de pássaros, mas o uso de microfones de lapela evidencia quase que somente o áudio do entrevistado. Os menores depoimentos têm 4min26s (bombeiro e funcionário da Vale, que sobreviveu) e o maior tem 8min01s (mãe que perdeu os dois filhos e a nora grávida). As sonoras são editadas: o tempo é preenchido pelas vozes, mas há lugar também para as lágrimas, um ou outro suspiro, o breve silêncio. Não aparecem as perguntas dos jornalistas. Na edição, observa-se que a primeira parte do depoimento tem cerca de 10 segundos e faz o relato sobre o momento do recebimento da notícia, entra, então, a legenda Vozes de Brumadinho, que insere a narrativa da história de vida do personagem, em seguida, há um pequeno *fade* (escurecimento da imagem), e o depoente volta, então, a relatar o momento em que tomou conhecimento do rompimento da barragem, seguido das consequências da tragédia em sua vida pessoal.

Os depoimentos foram gravados sempre em locações externas e à luz do dia. Quanto à variedade dos cenários, temos: quatro depoimentos gravados em residências (três na porta de entrada e um na lage); três depoimentos gravados no cenário de devastação da lama; três depoimentos gravados em jardins bem arborizados; dois depoimentos gravados no lugar do trabalho (um no cemitério e o outro em um galpão, na frente de um helicóptero). O único objeto cenográfico, presente em todas as sequências, é um pequeno banco, sobre o qual os depoentes estão sentados. O banco é frágil e o cenário às vezes inóspito. São testemunhos de vítimas de uma tragédia, vestidas com roupas comuns - as botas da lida diária, as sandálias da dona-de-casa -, como se estivessem sendo surpreendidas no seu cotidiano. A edição revela que as imagens foram gravadas com duas câmeras: uma fixa, em plano geral, contextualizando o local; e a segunda, responsável pelas tomadas de primeiro plano ou close dos rostos e os planos de detalhe das mãos e pés dos depoentes.

Percebemos que o foco são os sujeitos que testemunham: dores, perdas, saudade, sonhos, indignações, relatos do momento em que se salvaram do tsunami de lama, nas tentativas de reconstrução de vidas atravessadas pelo acontecimento. O entendimento da

¹⁴ *Vozes de Brumadinho*. In: <https://www.em.com.br/vozes-de-brumadinho/>. Acesso em 24 jun. 2019.

incapacidade de falar, de fazer conexões, da dimensão da falta de palavras para narrar o vivido, deve ser compreendido pelo profissional do jornalismo que busca ouvir estas vozes. Barbosa e Carvalho (2016) refletem que narrar um acontecimento traumático pode se configurar como uma situação relacional, sendo uma via de mão dupla: uma busca do que foi vivido e uma tentativa de reposicionamento do sujeito no aqui-agora pós-acontecimento: “No entanto, uma das aporias que cercam o trauma é sua impossibilidade de narração, pois suas testemunhas diretas - os que estiveram lá -, não conseguem se afastar do evento para gerar dele um testemunho lúcido e íntegro” (BARBOSA; CARVALHO, 2016, p.22). Em muitos relatos, é difícil que o entrevistado coloque em frases repletas de sentido o que foi vivido, o que só se encaixa no nível da irrealidade, como expressa Helena Taliberti, ao falar do momento em que entendeu o que havia acontecido. Para ela, a dimensão do evento e da dor da perda de seus dois filhos, que estavam na pousada destruída pela lama de rejeitos, é da ordem do inacreditável: “Quando soube que a pousada foi atingida, foi aquela coisa surreal... Essa coisa arrancada, de repente, está difícil de acreditar¹⁵”. Entretanto, narrar se faz necessário, um narrar menos direto e menos urgente, que aquele do telejornalismo diário, recheado de hesitações e pausas:

“[...] nem sempre a linguagem dá conta de abrigar a experiência, eivada de um caráter inimaginável, muito desproporcional à narração realista, sobretudo à narração jornalística, em que a verossimilhança, ou o efeito de verdade, é buscado como princípio. Ainda assim, é preciso contar, há desejo do relato - e mesmo sua necessidade.” (BARBOSA; CARVALHO, 2016, p.22).

O teor de irrealidade, proposto por Seligmann-Silva (2008), é encontrado em diversas narrativas da memória de envolvidos no rompimento. Leonard Farah, capitão do Corpo de Bombeiros, ao ser convocado para o salvamento, na data do acontecimento, se viu diante à repetição de uma tragédia, no nível do inacreditável:

“Achei que Mariana seria a ocorrência mais complexa. Quando eu vi, foi tudo de novo, a mesma cena: poeira alta, a lama subindo... cara, de novo isso? Pensamos em fazer a mesma coisa que fizemos em Mariana: ir para a frente da lama, evacuar localidades, fazer resgates. Dessa vez, a gente não conseguiu encontrar ninguém, uma comunidade que não tivesse sido avisada. Já tinha sido tudo atingido.”¹⁶

¹⁵ *Voices de Brumadinho*. In: <https://www.em.com.br/vozes-de-brumadinho/>. Acesso em: 24 jun. 2019.

¹⁶ *Voices de Brumadinho*. In: <https://www.em.com.br/vozes-de-brumadinho/>. Acesso em 24 jun.2019.

O estilhaçamento temporal, a sensação de quebra na linearidade do tempo, está presente em todos os testemunhos, que têm como base o trauma do evento catastrófico, o desequilíbrio da vida e de suas estruturas. Edson Albanex, marido de Sirlei Ribeiro, que faleceu dentro da casa em que o casal morava, na Vila Ferteco, localizada a poucos metros da portaria da Vale, relata a dificuldade de reconstrução de uma vida: “Fiquei com a roupa do corpo, sem minha casa, minha mulher, com o desafio de, aos 64 anos, reconstruir minha vida¹⁷”. Jefferson Passos, que estava a caminho de Brumadinho para visitar a irmã, Jussara Passos, camareira da pousada Nova Estância, relata que, ao chegar no município, entendeu a dimensão do acontecimento, e que não havia possibilidades da irmã estar viva: “Lembro como se fosse agora, nesse momento. Ela me mandou mensagem, dizendo que queria conversar comigo pessoalmente. E agora, como vou falar com ela novamente?¹⁸”. Malvina Firmino, senhora de 61 anos que perdeu o filho, Peterson Firmino, terceirizado da Vale, expressa a falta de constância no entendimento do passar do tempo: “Hoje está aqui uma mãe que não sabe quantos dias estão (sic) fazendo: 12, 14 dias, que eu choro dia e noite caçando meu filho. A minha esperança é que ele entre neste portão e fale: ‘Mãe, eu estou vivo. Eu me salvei dessa¹⁹’”.

A carga de nostalgia, saudade da casa, do terreno com plantações e criações de animais, dos filhos e companheiros, da rotina, do futuro que ainda estaria por vir são destacados em todos os testemunhos, caracterizados como um forte traço memorial, que transita entre a “necessidade de lembrar e a impossibilidade de esquecer” (SILVA, 2014). As narrações do evento traumático estão presente em todos os testemunhos, sejam de sobreviventes ou de parentes de vítimas fatais, o que demonstra o potencial de atravessamento, independente da experiência vivida pelos sujeitos retratados no especial. A inferência da experiência de quase morte ganha destaque no testemunho de Elias Nunes, funcionário da Vale, que sobreviveu ao rompimento, dirigindo uma caminhonete que "era como grão de areia". O sobrevivente trabalhava como motorista da mineradora, e relata que tinha certeza que não sobreviveria ao rompimento:

¹⁷ *Vozes de Brumadinho*. In: <https://www.em.com.br/vozes-de-brumadinho/>. Acesso em 24 jun.2019.

¹⁸ *Vozes de Brumadinho*. In: <https://www.em.com.br/vozes-de-brumadinho/>. Acesso em 24 jun.2019.

¹⁹ *Vozes de Brumadinho*. In: <https://www.em.com.br/vozes-de-brumadinho/>. Acesso em 24 jun.2019.

"Tentei ir para o outro lado, a lama me cercou de frente e foi me cercando. Parei quase no mesmo local em que a gente estava, tirei as mãos do volante e falei pra ele: "Sebastião, vamos pedir perdão pelos pecados e entregar a alma para Deus, porque nossa hora é agora. A hora de a gente ir é essa"²⁰.

Andreia Leal é produtora rural, aprendeu a profissão ainda criança, junto com os pais. A trabalhadora rural escapou da lama, que devastou as plantações da família. O teor de nostalgia é forte em suas falas sobre o passado, sobre o local de trabalho, o ritmo de vida que aprendeu a levar junto aos pais: "A vida tem de seguir, apesar de ter perdido amigo, acabado com nossa horta. Só peço força e sabedoria. Nós vamos vencer. Não falo aqui. Um dia vamos ter nossa horta de novo, do jeito que sempre foi: bonita. Vai ter justiça. A gente quer ter nossa vida de volta"²¹".

A piloto do Corpo de Bombeiros, Karla Lessa, relembra o momento do resgate dramático da moça, nacionalmente televisionado, transformado em acontecimento midiático. O teor de irrealidade, singularidade e atravessamento simbólico podem ser identificados no testemunho da militar, além do destaque para a necessidade de perícia e profissionalismo para o trabalho realizado em situação extrema: "A impressão era que estava se afogando na lama e estava bem debilitada. [...] a sensação era de que talvez tivesse mais gente viva, que não tivéssemos conseguido visualizar [...]. Não é coisa que se faz normalmente, rotina de trabalho"²².

A inferência da nostalgia está presente em quase todos os testemunhos, com exceção dos militares do Corpo de Bombeiros, que não tinham relação direta com Brumadinho, nem com vítimas do rompimento. O brusco arrancar do espaço-tempo, junto à perda da rotina, da casa, de parentes, perda de objetos, animais e outros elementos simbólicos se apresenta como um dos fortes sintomas da vivência do trauma. Na realidade, as subjetividades e sentimentos relacionados ao trauma, ecoados por meio dos testemunhos e dos relatos memoriais, fazem parte de um mosaico das inferências dos estados afetivos pensados por Selligman-Silva (2019).

Considerações finais

²⁰ *Voices de Brumadinho*. In: <https://www.em.com.br/vozes-de-brumadinho/>. Acesso em 24 jun. 2019.

²¹ *Voices de Brumadinho*. In: <https://www.em.com.br/vozes-de-brumadinho/>. Acesso em 24 jun. 2019.

²² *Voices de Brumadinho*. In: <https://www.em.com.br/vozes-de-brumadinho/>. Acesso em 24 jun. 2019.

Através do entendimento das inferências memoriais presentes nos testemunhos dos sujeitos atravessados pelo rompimento, percebemos que o especial multimídia *Vozes de Brumadinho* busca dar protagonismo aos anônimos envolvidos no acontecimento, em uma tentativa de traçar caminho contrário ao silenciamento dessas vozes. Entendemos que o fio condutor da reportagem multimídia é o jornalismo humanizado que, em produções especiais, encontra espaço e possibilidades para realização de entrevistas de profundidade, com especial atenção ao recurso da História Oral. As inferências memoriais, identificadas nos relatos em primeira pessoa atestam que estes sujeitos vivem, hoje, uma realidade atravessada pelo trauma – que se refere não somente ao dia 25 de janeiro de 2019 mas, também, aos dias que se seguiram.

O potencial de uma reportagem especial multimídia está nas variadas possibilidades de retratar uma narrativa, tendo no audiovisual uma interessante ferramenta de valorização do testemunho, ancorado nas facilidades do ambiente online. Dentro do portal, os internautas navegam entre os testemunhos, divididos em seções, em um mergulho em busca dos desdobramentos do acontecimento. Outra opção de destaque do multimídia está no canal do Youtube do Portal Uai: em playlist criada para publicação dos vídeos, o número de visualizações dos testemunhos chamam atenção, variando de 11 mil, no testemunho de Dari Pereira, morador da Vila Ferteco, para mais de 167 mil visualizações, no relato de Adriana Leal, produtora rural que fugiu da lama e testemunhou a plantação da família ser destruída pelos rejeitos. A força do multimídia também está no deslizamento da produção para outros formatos, como o televisivo. Três dias após a publicação do especial, a Tv Alterosa, pertencente ao SBT, readequou a reportagem multimídia para a televisão. O especial foi transformado em uma versão com duração de 43 minutos, dividido em dois blocos. Assim, é possível transportar para um público, para além dos internautas, os impactos e desdobramentos do acontecimento na vida das Vozes de Brumadinho.

Neste artigo, observamos a força do depoimento na construção da narrativa audiovisual. Esta é uma tendência que tem ganhado expressão, a partir da humanização dos relatos, e da busca de um jornalismo que seja exercido com maior engajamento dos repórteres e entrevistados, não apenas para gerar comoção, a partir dos relatos de vítimas, mas para tentar ser mais transformador, atraindo a atenção dos espectadores/usuários e também gerando empatia, sem deixar de lado a contextualização e o distanciamento crítico.

REFERÊNCIAS

AMARAL, M. **A representação dos testemunhos no discurso das catástrofes ambientais: de sujeitos sociais a sujeitos discursivos.** Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/fronteiras/article/view/fem.2013.153.04>. Acesso em: 30 de maio de 2019.

AMARAL, M. **O papel das vítimas nas narrativas jornalísticas sobre o desastre de Mariana.** Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/lumina/article/view/21516>. Acesso em: 02 de maio de 2019.

BACCIN, A; DANIEL; P. **A integração dos meios no especial multimídia "A Batalha de Belo Monte".** Disponível em: <https://www.ufrgs.br/jordi/a-integracao-dos-meios-no-especial-multimidia-a-batalha-de-belo-monte-3/>. Acesso em 03 de maio de 2019.

BARBOSA, K; CARVALHO, A. **Narrativas do trauma no jornalismo local: o rompimento da barragem da Samarco em Mariana.** Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1984-6924.2016v13n2p19>. Acesso em: 16 de maio de 2019

BOTTREL, F; CRUZ, M; DAMASCENO, R. et al. (2019). **Reportagem especial Vozes de Brumadinho: detalhes não contados de uma história que não pode ser esquecida.** Disponível em: <https://www.em.com.br/vozes-de-brumadinho/>. Acesso em: 25 de jun de 2019

CAJAZEIRA, P. O telejornalismo nas redes sociais digitais. In: **Telejornalismo em questão.** COUTINHO, I.; MELLO, E.; PORCELLO, F.; VIZEU, A. (Orgs). Coleção Jornalismo Audiovisual. V.3. Florianópolis: Insular, 2014.

COSTA, A. Audiovisual e mídias móveis – um estudo de caso de produções brasileiras veiculadas em suportes portáteis. In: BRANDÃO, C.; COUTINHO, I.; LEAL, P. R. F. (Org.). **Televisão, Cinema e Mídias Digitais.** Florianópolis: Insular, 2012. p. 309-334

LONGHI, R. **Os nomes das coisas: em busca do especial multimídia.** Disponível em: <http://www.ec.ubi.pt/ec/07/vol2/longhi.pdf>. Acesso em: 10 de maio de 2019.

LONGHI, R. **A grande reportagem multimídia como gênero expressivo no ciberjornalismo.** Disponível em: <http://www.ciberjor.ufms.br/ciberjor6/files/2015/03/LONGHICIBERJOR.pdf>. Acesso em: 16 de junho de 2019.

MAIA, M. **A História Oral como recurso metodológico na entrevista jornalística.** Disponível em: periodicos.uff.br/contracampo/article/download/17437/11074. Acesso em: 04 de maio de 2018.

MEDINA, C. **A arte de tecer o presente: narrativa e cotidiano.** São paulo: Summus, 2003.

SELIGMANN-SILVA, M. **Narrar o trauma - a questão dos testemunhos de catástrofes históricas.** Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-56652008000100005&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 08 de maio de 2019.

SILVA, Raysa. **A questão do trauma nas narrativas de testemunho.** Disponível em: <http://seer.uftm.edu.br/revistaeletronica/index.php/sell/article/view/459>. Acesso em: 17 de junho de 2019.